

MÍDIA COMO CONTROLE DE SUBJETIVIDADE

ROBERTA FONSECA BRUM CARDOSO¹; JESSICA THUROW GRIEP; MARTHA MEDEIROS GOULARTE, PATRÍCIA FELIX LOBO²; ÉDIO RANIERE³

¹*Universidade Federal de Pelotas- robertabrummc@gmail.com* 1

²*Universidade Federal de Pelotas – jessicagriep@hotmail.com, marthagoularte@gmail.com, patyfelix.psi@hotmail.com* 2

³*Universidade Federal de Pelotas – edioraniere@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho foi desenvolvido como parte avaliativa da disciplina Subjetividade e Trabalho, oferecida para o curso de Psicologia, no sétimo semestre letivo. Um dos principais objetivos da disciplina é compreender o campo de trabalho como uma complexa produção socioeconômica-cultural, bem como a compreensão das configurações dos modos de trabalhar em nossa contemporaneidade. Dessa forma, busca-se uma reflexão, que tem por objetivo suscitar uma visão crítica acerca do poder massificador exercido pela mídia no campo da subjetividade e como ela opera na construção de modos de ser e agir humanos, bem como a sua influência no contexto das relações entre os sujeitos e destes com o mundo.

2. METODOLOGIA

O trabalho apresenta seu desenvolvimento estruturado da seguinte forma: em um primeiro momento será exposto o conceito de mídia e sua influência na sociedade contemporânea, destacando a contribuição dos pensadores críticos da Escola de Frankfurt: Theodor Adorno e Max Horkheimer. Prossegue-se a discussão em um segundo momento sob o título “Sociedade de Controle”, em que o Capitalismo aparece como regime de poder controlador da sociedade, enfatizando a crítica feita por Gilles Deleuze.

No terceiro momento serão apresentados os termos de referência de toda a discussão, a saber: o sujeito e sua subjetividade, e como essa é produzida no decorrer das relações estabelecidas no meio social, sob forte domínio da informação, que controla e oprime.

No quarto e último momento destaca-se a tríade mídia, manipulação e política, com o objetivo de mostrar como a intensa ligação entre esses conceitos

está cada vez mais presente no cotidiano, satisfazendo aos interesses privados da classe dominante.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os filósofos contemporâneos Theodor Adorno e Max Horkheimer souberam analisar com rigor o problema presente no mundo atual: o domínio da razão instrumental, de controle, através do desenvolvimento tecnológico-industrial, que busca sempre a dominação, tanto da natureza quanto do próprio ser humano. Tal realidade provoca a separação entre sujeito e sociedade, impedindo o homem de exercer sua liberdade.

Para melhor compreensão teórica, Adorno e Horkheimer criaram e difundiram o termo “indústria cultural” para designar a indústria da diversão de massa. Através da indústria cultural e da diversão se obteria a homogeneização dos comportamentos, a massificação das pessoas.

Os receptores das mensagens dos meios de comunicação são vítimas dessa indústria, têm o gosto padronizado e são induzidos a consumir produtos de baixa qualidade, dominantes no cenário capitalista, pois o objetivo é lucrar com a venda de “mercadorias culturais” (filmes, músicas, shows, revistas) sem permitir que o sujeito possa conhecer o valor real e espontâneo de um bem cultural ou artístico.

Desse modo, tem-se uma ideologia imposta às pessoas, que impede o sujeito de chegar à autonomia, uma vez que se encontra no mundo em uma condição de alienação pelo excesso de informação, e impedido de alcançar o conhecimento por uma razão crítica e esclarecedora, em que predomina maior consciência de si, do mundo, das coisas.

A sociedade de controle, ocorre a implementação progressiva e dispersa de um novo regime de dominação, ou seja, o exercício do poder à distância. Os indivíduos passam a condição de “indivíduos”, como destacou Deleuze, divisíveis aninhados em bancos de dados, perdendo a sua identidade em favor do acesso por senha.

Não importa mais os indivíduos e tampouco as massas, estas agora fragmentadas, são absorvidas e ajustam se à mídia. A mídia, criadora de subjetividade, passa a ser o novo meio de representação social, meio de comunicação entre os indivíduos. Ela educa, aproxima o ensino em vídeos,

internet, filmes, ensino a distância, enfim aproxima a informação sobre as exigências de uma sociedade de controle que investe potencialidades, em produtividade virtual.

A vida nas sociedades capitalistas segue, então, sendo transformada pelos poderes vigentes, por uma produção que não reconhece limites. O regime de poder atual, o controle, não se restringe ao tempo e ao espaço dedicados ao trabalho, ou ainda à preparação para o mesmo. O controle se ocupa de toda a existência.

Segundo Heidegger (2002), o humano é o único ser que sabe que existe, esse fato acentua o enigma do humano no seu “universo interior”. Nesse meio surge a subjetividade, que significa o modo de ser, aquilo que particulariza o sujeito e é construída socialmente, numa relação do eu com o mundo, do ser com os outros no mundo.

As subjetividades hoje sofrem grandes ataques de informações que a mídia impõe ao homem, que o influencia diretamente no seu modo de viver e dificulta para que ele possa realizar suas escolhas de forma autêntica.

A mídia constitui um novo personagem dentro de casa, que está presente em nossas vidas e com quem nós estamos em intenso contato, muitas horas por dia. Esse personagem é infiltrado nos lares, com sua voz poderosa, apenas nos dá respostas, agrupa valores e estabelece relações hierárquicas, atrai os receptores a valorizarem e adotarem seus dizeres e modos de ser, agindo no cotidiano das pessoas e na vida social. Por meio de tais práticas, a mídia, torna os seres humanos seus reféns, reconstruindo e modelando suas subjetividades. (GUARESCHI, p. 83, 2004).

4. CONCLUSÕES

A mídia é uma arma poderosa concentrada nas mãos daqueles que controlam o fluxo de informações, como agente formador de opiniões e criador-reprodutor de cultura, a mídia interfere, forma e transforma a realidade, as motivações, os modos de pensar e de agir do homem.

É preciso desenvolver a capacidade de resistir, agir e não colocar-se inerte frente às imposições da mídia, que aplainam as subjetividades. Nós, como

autores do existir devemos sair do comodismo que nos encontramos e posicionarmos como cidadãos críticos e participativos, na tentativa de traçar estratégias defensivas a esse poder dominador.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COTRIM, G. **Fundamentos da Filosofia: história e grandes temas**. São Paulo. Saraiva. 2006.

DELEUZE, G. **Conversações**. Tradução de Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro. Editora 34. 1992.

DELEUZE, G. **Negociações**. Paris. Editions de Minuit. 1990

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica: cartografias do desejo**. Petrópolis. Vozes. 1993.

GUARESCHI, P. **Psicologia Social Crítica: como prática de libertação**. Porto Alegre. EDIPUCRS. 2012.

GUARESCHI, P. **Psicologia, Subjetividade e Mídia**. In: FURTADO, Odair. II Seminário de Psicologia e Direitos Humanos - Compromissos e comprometimentos da psicologia. Recife. Universitária. 2004.

HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. Petrópolis. Vozes. 2002.

RAMONET, I. **Propagandas silenciosas: massas, televisão, cinema**. Petrópolis. Vozes. 2002.